

MEMÓRIAS DO INSTITUTO BATISTA CORRENTINO: DO COLÉGIO BENJAMIN NOGUEIRA AO INSTITUTO BATISTA INDUSTRIAL

Sandra Mara Kindlein Penno¹ (UFPI)

GT 11 - História e Memória da Educação

Este artigo pretende contribuir com a História das Instituições Educativas no Piauí e, tem como objeto de pesquisa a escola, atualmente, denominada Instituto Batista Correntino, a escola confessional protestante mais antiga do Estado, 1904 a 2004. Destaca-se de outras instituições estudadas por sua orientação religiosa e pela sua prática pedagógica marcada pela ação de missionários norte-americanos no campo piauiense. Quanto à metodologia trata-se de um estudo histórico, fundamentado sobre um recorte biográfico, referente ao período de tempo em que o pastor e professor Augusto Carlos Fernandes dedicou-se a educação no Colégio Benjamin Nogueira e na implantação do Instituto Batista Industrial, no período de 1917 a 1922, na então Vila de Corrente - Extremo Sul do Piauí, pertencente à Comarca de Parnaçuá. O início do período também coincide com a data da viagem de missionários norte-americanos no Nordeste para a escolha da região onde seria o local para, então, sede do Instituto Batista Industrial e sua posterior instalação e consolidação.

O valor de pesquisas que se debruçam sobre a trajetória das principais instituições educativas em diferentes regiões brasileiras fundamentam-se no fato que, diferentes temáticas abordadas sob diferentes aspectos, podem se constituir em um campo fértil para reflexões e análises. A opção pela escolha da construção acerca dos processos singulares vivenciados pelo Colégio Benjamin Nogueira e pelo Instituto Batista Industrial justifica-se por haver um ‘vazio historiográfico’ neste campo, pois são poucas as sobre o cotidiano das instituições educativas nas primeiras décadas da república Brasileira.

A metodologia do projeto de pesquisa no qual este estudo está inserido prevê como ponto de partida para o resgate da história da primeira instituição educativa protestante no Piauí, a possibilidade de dar-se voz aos sujeitos históricos que participam da construção atual da história da educação na cidade, no Estado e Estados fronteiriços.

Carbtree, na obra História dos Baptistas do Brasil, ao fazer um comentário sobre o ‘campo piauiense’, até 1906, registra que abrangia “além do Estado do Piauí, partes do vasto interior dos estados da Bahia, Goyaz e Maranhão” e que “**o centro mais importante dessa zona tem sido a villa de Corrente, no sul do Piauí**”. Destaca que a forma como a pequena Vila de Corrente, se tornou “um grande farol da luz evangélica para esse imenso território **é uma das histórias mais encantadoras** que se encontra em todos os annaes do movimento evangélico no Brasil”. (p. 209 - grifo nosso)

Ainda que o passado nunca seja conhecido plenamente e compreendido inteiramente, através de uma pesquisa que mantenha o rigor metodológico é possível

¹ Mestranda em Educação – UFPI; Pós-graduada em Metodologia do Ensino Superior/UESPI e Especialista em Políticas Públicas/UFPI.

entendê-lo em seus próprios fragmentos e nas incertezas deixadas através do tempo. Assim, os espaços físicos da escola, a arquitetura, a iconografia, os manuais pedagógicos, as pinturas, os desenhos, as esculturas, os cartões postais, os catálogos de editoras, os livros de leitura e de literatura, as brincadeiras, as práticas pedagógicas, as biografias e autobiografias de educadores têm sido utilizadas como algumas das fontes selecionadas na busca de rastros e vestígios nas pesquisas no campo da História da Educação Brasileira. Desta forma, busca-se construir interpretações a respeito das instituições educativas e apreender elementos que possam conferir um sentido histórico no contexto social de sua época, assim como suas influências até os nossos dias.

O livro ‘Doces Recordações’, apresenta a transcrição da autobiografia de Celecina Viegas Fernandes que ao lado de seu esposo, Augusto Carlos Fernandes, dedicaram-se exclusivamente ao ministério cristão e a educação no interior nordestino brasileiro. Destes anos de vida, 28 (vinte oito) anos, foram dedicados exclusivamente ao desenvolvimento da obra cristã e educativa em Corrente à frente do Colégio Benjamin Nogueira e posteriormente, Instituto Batista Industrial, no período de 1917 a 1945. A transcrição dos textos de Celecina são feitos pela sua filha primogênita, Edith Fernandes Guerra, que ao final dos escritos de sua mãe, acrescenta a obra literária capítulos onde registra parte de sua própria autobiografia, recontando e completando informações sobre o ministério de seus pais, suas experiências em Corrente e registrando com detalhes a prática educativa desenvolvida nos primeiros anos do Instituto Batista Industrial.

É importante destacar-se que na concepção de Souza, as biografias e autobiografias destacam-se com o mérito de recuperar, para a educação “vestígios desses homens e mulheres e suas obras, tornadas quase invisíveis”. Apesar das críticas ao possível subjetivismo dos autores, consideram que esses documentos biográficos e autobiográficos por muitas vezes são “as únicas testemunhas de práticas e idéias pouco notadas, ou porque corriqueiras ou porque foram alvos de generalizações que as igualaram”. A possibilidade de incluir esses autores menores que não foram eleitos como fontes prioritárias, por não terem sobrevivido à crítica histórica e à passagem do tempo, significa o reconhecimento de que eles “podem ter exercido um papel tão importante quanto os que ocuparam os ensaístas sérios da educação, tornando esses últimos nossos mitógrafos”, conforme a “interpretação de Bourdieu, no sentido de criar imagens onde a memória é aprisionada” (2000, p.54)

A riqueza de dados e de detalhes históricos que se encontra registrado nesta obra, ‘Doces lembranças’, permite uma visualização, não só dos compassos com que a história foi sendo desenrolada através dos anos, como traz na composição intrínseca do texto, as memórias, individual e coletiva, combinadas com o processo corporal e perceptivo de cada vivência.

Para Eclea Bosi, 1987, lembrar significa aflorar o passado, combinando com o processo corporal e presente da percepção, misturar dados imediatos com lembranças. A memória permite o aflorar do processo corporal e presente da percepção na relação com o passado e que interfere no processo atual das representações. Parte da compreensão de que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e que esta se transforma conforme o lugar e o tempo que algo ocupa e segundo as relações que mantenho com outros meios.

Edith Fernandes Guerra, inicia o I Capítulo de sua obra, narrando a visita que fez aos lugares que sua mãe cresceu, afirma imaginá-la como a menina que correu “brincando pelas ruas, com suas amiguinhas, ao voltar da escola, com os cabelos pretos esvoaçando pelas costas, cantando ou rindo na sua alegria juvenil” (1991, p.12).

Logo após, como que brincando com o tempo, passa-lhe a palavra para que ela mesma narre sua história de vida, ressaltando os seus anos de dedicação, sacrifício e fé:

Ela cresceu e como é suficientemente capaz, eu lhe passo a palavra para que ela mesma nos narre suas experiências através de sua vida. – Vida que nos foi tão preciosa pelo que representa em exemplos de dedicação, sacrifícios e fé. Com a palavra Dona ‘Celeste’ (Ibidem, p. 12).

Celecina, ‘Dona Celeste’, ao ocupar seu tempo relembando sua história de vida, registrando sua memória, confere aos mais jovens a compreensão da história da família: de onde eles vieram, o que fizeram e aprenderam. Mesmo na velhice, como destaca Guerra, ela é ‘suficientemente capaz’ de não ser passiva, é capaz de transformar a arte de narrar, de ‘fazer’ história, em um encontro com a identidade e com sua função social.

Nos estudo de Eclea Bosi, no seu livro: ‘Memória e Sociedade: lembranças de velhos’, as histórias dos seus personagens mostram que a função social exercida durante a vida ocupa parte significativa da memória dos velhos. Isso significa que os velhos, ainda que não sejam mais propulsores da vida presente de seu grupo social, têm uma nova função social: lembrar e contar para os mais jovens a sua história, de onde eles vieram, o que fizeram e aprenderam. Assim, desperta a compreensão da função social da velhice, que nem sempre reconhecida, mas que coloca os velhos em uma situação não-passiva, pois enquanto eles lembram, eles ainda ‘fazem’.

O casal Augusto Carlos Fernandes e Celecina Viegas Fernandes deixaram a Bahia logo após a cerimônia de casamento, 1912, e partiram para a obra batista pioneira no sertão. O campo a eles designado abrangia uma parte do Estado da Bahia, especialmente à parte da margem do São Francisco, tinha início em Juazeiro e ia até Formosa, onde se situava o ponto final da navegação fluvial, estendia-se por uma parte em Pernambuco e alcançava até o sul do Piauí, Corrente.

Celecina narra que acompanhou o esposo em sua 1ª viagem missionária logo no início do casamento, viagem longa e cheia de interrupções devido às ‘vazantes’². Parte da viagem pelo campo missionário tinha de ser a pé ou a cavalo. Como a viagem pelo sertão era longa e demorada, Celecina aproximou-se de Corrente já grávida de seu 1º filho e, curiosamente, enfrentou a necessidade de aprender a andar a cavalo, para prosseguir viagem.

Em Formosa eu tomei minha primeira lição de equitação, pois teria que aprender a montar a cavalo para enfrentar a viagem para Corrente, que seria feita nesse meio de transporte. Eu estava receosa de não desempenhar esta tarefa pois nunca havia montado e já estava ficando ‘pesada’ mas os professores que me deram eram pacientes e os animais muito mansos de sorte que sai-me bem (GUERRA, 1991, p.26).

Após o aprendizado de montaria, Celecina e seu esposo Augusto Carlos Fernandes, deixaram Formosa e seguiram para Corrente. A autora registra a dificuldade de locomoção

² Período em que o rio sofre interrupções devido ao volume baixo das águas.

da época, o que ressalta a distância do desenvolvimento sócio-cultural em que se encontrava a Vila de Corrente.

Assim é que, já saudosos daqueles dias agradáveis mas sendo hora de partirmos, dissemos adeus aos irmãos e amigos e seguimos para Corrente que dista de lá apenas 16 léguas, (96 quilômetros), que se estivéssemos viajando hoje percorreríamos em poucas horas: naquele 1912 longínquo, nós fizemos em mais de três dias, pois além da viagem em si, íamos parando por diversas fazendas de crentes em Corrente, que nos ficavam no itinerário

[...]

Em Corrente nos sentimos em casa, tal o ambiente amigo que encontramos; fomos apresentados à Igreja e à sociedade local. A Igreja bem organizada, com uma boa Escola anexa – Escola Benjamin Nogueira – dirigida pela professora Dona Mergelina Dourado, da Igreja Presbiteriana, na época, vinda do Estado da Bahia, do Colégio de Ponte Nova, convidada para vir dar sua colaboração à causa educacional e evangélica ali (Ibidem, p.26 e 27).

Nos escritos da autora destaca-se a organização da 1ª Igreja Batista de Corrente e da ‘boa escola anexa – Escola Benjamin Nogueira’. No registro sobressai à participação do Colégio de Ponte Nova, Bahia, com a consolidação da obra educativa através do envio da professora Mergelina Dourado. Celecina também ao registrar o contraste entre as deficiências e rusticidade da localidade e a organização da Igreja e da escola na região, diz que Corrente sempre teve uma característica que a distinguiu de outros lugares.

Corrente, situada ao sul do Piauí, já nas divisas com os Estados da Bahia e Goiás, tinha uma característica que sempre distinguiu de muitos outros lugares que conhecemos. Apesar de sua distância dos outros centros mais adiantados, sendo por isso mesmo difícil para ali chegarem gêneros de consumo ou comerciais, de outras partes, pela falta de estradas, e por isso mesmo de transportes, sempre se mostrou um lugar muito propenso ao Evangelho e à instrução. Como já falei, sua Igreja era bem organizada e ativa, dentro dos limites, e a Escola anexa, bem dirigida e freqüentada (Ibidem, p. 27).

A autora também recupera parte dos conflitos existentes no início do Século XIX entre católicos e protestantes no sertão brasileiro, as verdadeiras perseguições e os massacres ocorridos no período.

Eu soube nessa ocasião que em 1909, quando o missionário Jackson ainda trabalhava por essas plagas, que, tendo ele ido até Corrente, em viagem missionária, antes que terminasse o trabalho, voltou às pressas para Santa Rita a fim de socorrer seu rebanho, pois num desses conflitos houve uma cruel perseguição aos crentes, quando depredaram o mobiliário do Templo, fizeram grande queima de bíblias e ameaçaram aos membros da Igreja. Quando ele chegou o pior fora feito. Isto foi-me confirmado por pessoas idôneas, fazendo parte das experiências de sofrimentos porque passaram tantas vezes os servos do Senhor (Ibidem, p. 31).

As memórias também indicam, o que se encontra registrado em outros livros de cunho bibliográfico³ e histórico, que a família Nogueira tinha grande participação na obra

³ São do nosso conhecimento os seguintes livros de cunho bibliográfico: ‘Viagem do Rio de Janeiro ao Piauí pelo interior do país’ de Joaquim Nogueira Paranaguá e ‘Terra de um Paladino’ de Correntino Paranaguá, Saudosas memórias: memórias da vida de uma professora no sertão do Brasil de Sancha dos Santos Galvão. Papo-amarelo; drástica solução de Willian Palha Dias.

evangelística protestante batista na Vila de Corrente, enquanto ressalta também sua amizade com a família Cavalcante, que tradicionalmente era Católica:

Grande parte da família Nogueira era membro da Igreja. Aí fizemos muito bom trabalho com o auxílio deles. Fizemos também boas amizades com vários membros da família Cavalcante, que perduram até hoje, devendo citar entre outros nomes de nossos queridos amigos Manoel e José Pacheco Cavalcante e suas esposas, especialmente Dona Adelaide com quem estreitamos laços de amizade, e o Sr. Manoel Pacheco Gabriel; os últimos anos em que vivemos em Corrente tivemos o prazer de ter sua família como vizinha nossa, o que nos uniu ainda mais (Ibidem, p.27).

Ao citar que a Vila de Corrente era propensa ao evangelho, destaca a influência dos irmãos gêmeos: Benjamin Nogueira e Joaquim Nogueira Paranaguá⁴.

Em grande parte isso se devia à influência do Coronel Benjamin e seu irmão, Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá, sendo que eles contavam com a boa vontade e esforços nesse sentido de grande parte de seus parentes (Ibidem, p. 27)

As obras educativa e evangelística em Corrente ocorreram devido à participação destes dois irmãos. A escola familiar que organizaram inicialmente na ‘Casa do Pé-de-Tamarindo’ e a entrada do protestantismo no Estado do Piauí, através de bíblias compradas como material didático a ser utilizado na escola, constituem-se temas de pesquisa apresentados em vários artigos científicos pela autora deste estudo⁵.

Ao longo de toda a narrativa de Celecina percebe-se a fusão da memória individual com a coletiva, onde cita nomes e marcos históricos e culturais. As maneiras de ver o mundo representado pelo grupo compõem o espaço de onde, ela mesma, retira o lugar de sua relação no tempo, no espaço e a qualidade da relação que desenvolvera com as pessoas que convivera.

Halbwachs, alerta que toda a memória coletiva traz em si um elemento específico que é a consciência individual, “Não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória” (1992, p. 60) A lembrança individual, desta forma constitui-se em um ponto de vista sobre a memória coletiva. É neste aspecto que a metodologia proposta por Thompson pressupõe a possibilidade da reconstrução e a liberação do passado, ajudando “os menos privilegiados [...] a conquistar dignidade e a autoconfiança (1992, p. 44). Se a lembrança individual muda de acordo com as relações que o indivíduo mantém com o meio, para recuperar nosso passado, é necessário considerar-se o ‘meio material’, onde a memória foi entretida e se conserva. Assim a memória é limitada estreitamente pelo tempo e pelo espaço onde se tornou experiência vívida.

Se o ato de lembrar remonta sempre ao próprio passado vivido, preenchido por matizes a partir de referenciais no contato com outras pessoas, a identidade é constituída, no tempo e no espaço, como por metamorfose, pois:

Somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos [...] somos aquilo que lembramos. Além dos afetos que alimentamos, a nossa riqueza são os pensamentos que pensamos, as ações que cumprimos, as lembranças que

⁴ Estes fatos estão registrados no livro: História dos batistas do Brasil de Cabtree. (1937 b), p.211 a 213.

⁵ Destaca-se: Apontamentos sobre a trajetória da primeira instituição de ensino confessional no Estado do Piauí, de Sandra Mara Kindlein Penno.

conservamos e não deixamos apagar e das quais somos o único guardião (BOBBIO, apud GROSSY e FERREIRA, 2001, p. 32).

Alguns autores tratam a aproximação entre memória e identidade a partir da relação entre memória e tempo, ambos de natureza social. Recordar é considerado um ato coletivo ligado a um contexto de natureza social e há um tempo que engloba tanto uma construção como uma noção historicamente determinada.

Michael Pollack, 1992, caracteriza a relação entre memória e identidade, definindo a memória como um fenômeno construído (consciente ou inconsciente), e resultado do trabalho de uma organização individual ou social. Apresentando-se como elementos constituintes do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais e em conflitos que opõem grupos políticos diversos. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, credibilidade e que se faz por meio da negociação direta com outros. Pois, Pollack também define a identidade como a imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação e também para ser percebida da maneira que quer por outros.

Algumas mudanças substanciais começam a ocorrer a partir do falecimento de Benjamin Nogueira, em 1910. Apesar da perda daquele que esteve sempre à frente da obra educativa, fortaleceu-se o desejo na comunidade de consolidar o trabalho. Com este intuito, em 1913, “Dr Joaquim Nogueira Paranaguá pediu ao Secretário Executivo da Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul do Piauí que fundasse um colégio no Sul do Piauí” (CARTER, 1992, p.3).

Conforme registra Sue Carter, em sua obra ‘Uma Síntese Histórica – Instituto Batista Correntino – IBC’, diante desta solicitação, “a Missão Batista do Norte do Brasil mandou uma comissão para sondar as possibilidades de trabalhar na região” composta dos seguintes missionários: H.H. Muirhead, A. J. Terry e M. g. White. (92, p.3).

Os missionários, após a visita de reconhecimento, deram o seguinte parecer:

Nós a comissão, depois de andar mais de 900 Km. A cavalo através do território, chegamos a conclusão de que a Vila de Corrente, no sul do Piauí, deva ser o centro do qual este território deve ser evangelizado (Ibidem,, p.3).

Desta forma, a Missão Batista do Norte ficou convencida, que era estratégico para a evangelização da vasta região, o estabelecimento de um Centro Missionário, e que este Centro “**deveria de ser uma escola agrícola**” (Ibidem, p.3 – grifo nosso).

Sobre este episódio Celecina Fernandes, apresenta maiores detalhes, revela que ficaram hospedados em sua casa, o casal Terry e dois missionários: H.H. Muirhead e M. G. Write. Afirma que “em comissão estavam fazendo uma viagem de ‘reconhecimento’ para escolherem um lugar apropriado para o estabelecimento de uma instituição evangélica-educativa”. Ainda, acrescenta que eles levaram seu marido (Augusto Carlos Fernandes) na viagem, pois seria de grande utilidade porque conhecia muito bem toda a região por onde iriam passar”.

No retorno da viagem após a Comissão ter escolhido Corrente/Piauí, para o estabelecimento do futuro Instituto Batista Industrial, surge um convite inesperado para o casal Augusto e Celecina Fernandes:

De volta já tendo sido feita a escolha de Corrente, Piauí, para o estabelecimento do futuro Instituto Batista Industrial, nosso futuro também já estava traçado: lá meu marido recebeu convite de alguns membros influentes da família Nogueira representados pelos irmãos José Francisco Nogueira e Antônio Nogueira de Carvalho, para dirigir o ‘Colégio Benjamin Nogueira’ que já conhecêramos na ocasião de nossa 1ª visita, sob direção da professora Mergelina Dourado, agora, Guerra⁶ (GUERRA, 1991, p. 44).

Conforme a visão de Celecina a escolha do local “foi em tudo dirigida ou antes, inspirada pelo Espírito Santo”. O rápido crescimento e solidificação em Corrente do Instituto Batista Industrial, só ocorreu porque “Deus plantara a semente da árvore do Evangelho, pelas mãos do Coronel Benjamin e seu irmão Dr. Joaquim Paranaguá”. A continuidade da obra contou com apoio de muitos, “foi regada e cultivada pelos outros membros da família, a ponto de dar os frutos ao seu tempo: Instrução e Educação. O Instituto nasceu pois desta árvore, tendo achado terreno já limpo e preparado” (Ibidem, p. 44).

Quanto à escolha do local foi acertado entre a família Nogueira e os missionários que seria localizada a partir das terras doadas. Sue Carter registra que “A Junta de Richmond aprovou o pedido da Missão Batista do Norte de fundar este trabalho em Corrente”. Dr Terry ficou responsável em receber e registrar as terras doadas e as terras vendidas ao Instituto. Segue o registro⁷ conforme a ‘Síntese Histórica do Instituto Batista Correntino’ (CARTER, 1992, p. 4) das terras para a implantação do IBI.

As terras doadas em 1918, foram:

500 braças quadradas (121ha) doadas por Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá e sua esposa D. Ema;

Em 1921:

100 braças por Benjamin Mercês Nogueira e Maria Luiza Nogueira. Estas 100 braças não fazem parte da sede original do Instituto. Os documentos estão devidamente transcritos em cartórios.

As terras compradas pelos missionários americanos, na mesma época, foram:

De Joaquim Giterana Nogueira, 20 mil réis; de Antônio de Carvalho Nogueira, 27 mil réis, de Joana Lustosa Nogueira, 10 mil réis, e de Theodomiro Areolino Araújo, 10 mil réis. As outras fazendas que hoje pertencem ao instituto Batista Correntino, inclusive, a fazenda Sítio, foram compradas pela Missão Batista do Norte.

Sobre a doação feita aos missionários americanos para apoiar o início da obra missionária e educativa em Corrente, Celecina registra que além da doação da terra, houve doação de cabeças de gado e grande quantia em dinheiro⁸.

A família Nogueira doou grande quantia em dinheiro vivo e uma gleba na antiga Fazenda Cachoeira com cem cabeças de gado, foi doado pelo Coronel Benjamin

⁶ Profesora Mergelina Dourado batizou-se ao convencer-se a ser batista. Casou com Julião Guerra e passou a residir em Curimatá, ainda município de Paranaguá, onde continuou prestando seus relevantes serviços na alfabetização assim como na evangelização de toda aquela região (GUERRA, 1991, p. 30 - 44).

⁷ A transcrição dos registros de terras estão na obra Síntese Histórica do Instituto Batista Correntino e os originais dos documentos citados no Cartório de Corrente.

⁸ Destas doações em dinheiro, até o momento, não temos nenhum documento que comprove.

Nogueira Paranaguá, o que facilitou em muito o trabalho da instalação do I.B.I. (GUERRA, p. 44).

Registra também um acordo, “uma promessa de que, quando a Instituição estivesse já em vias de funcionar, o Colégio Benjamin Nogueira e todo o seu contingente humano seria incorporado”. Neste acordo, “o diretor Pastor e Professor Augusto Fernandes seria seu principal professor, o que efetivamente aconteceu em 1922” (Ibidem, p. 44).

Assim, Celecina esclarece que de 1917 a 1922 seu marido assumiu “a direção de todos os trabalhos tanto evangélicos como educativos em Corrente, ficando à frente da Igreja Batista de Corrente e do Colégio Benjamin Nogueira/ Instituto Batista Industrial. A partir deste marco, Augusto Fernandes dedicou-se exclusivamente ao magistério, trabalhando no I.B.I”. O casal educou os seus filhos e permaneceram em Corrente até 1945 (Ibidem, p.44 e 45).

Dona Sue Carter, ao relatar a consolidação da obra educativa protestante em Corrente, afirma que “No dia 20 de maio de 1920, o Instituto Batista Industrial foi registrado oficialmente”. O Prospecto do instituto para 1924 traz no texto que “entre 1920 e 1922 o professor Augusto Carlos Fernandes dirigiu o trabalho com muita aceitação e proveito para os alunos, numa casa fornecida para este fim na Vila de Corrente”. Registra ainda que “durante este intervalo os missionários estavam ocupados na demarcação dos terrenos doados e comprados”. As aulas só iniciaram no terreno e nas casas do Instituto Batista Industrial em 1922. E contaram com o seguinte corpo docente:

Adolph Terry, Diretor: D. Lulu Terry, Augusto Carlos Fernandes e D. Isabel Fonseca. Em 1923 o corpo docente foi aumentado com a chegada da professora D. Maria Amélia da Cunha e do agrônomo Dr. Augusto Nogueira Paranaguá (CARTER, 1992, p. 7).

Ao longo dos anos muitos professores prestaram relevantes serviços a esta instituição. Os diretores do Instituto têm sido, depois de D. Terry: “Dr. Crouch, Dr. Blonye H. Foreman, Dr. Elton Jonhson, Dr. Raymond Kolb, e desde 1965, o Dr. Hélio F. N. Paranaguá foi eleito em 1965 e dr. Jimmie Dale Carter foi eleito vice-diretor e tesoureiro (Ibidem, p. 7). Estes nomes formam a galeria dos diretores no período em que a Missão Batista do Sul dos Estados Unidos, Junta de Richmann, foi a mantenedora da Instituição.

Na autobiografia de Celecina Fernandes encontra-se referência e reconhecimento a alguns destes missionários anteriormente listados.

Os Terry foram substituídos pelo casal Chouch e pelo missionário B. H. Foreman que ainda permaneceram lá até bem distante, não devemos nos esquecer de mais alguns norte-americanos que muito nos ajudaram nos começos do I.B.I. – O Dr. J. L. Downig e sua esposa D. Isabel e o casal E. A. Hays – porém de curta estadia ali (GUERRA, 1991, p. 45).

É extremamente relevante o destaque de que este período coincide com o período de ‘otimismo brasileiro’ em relação a educação e ao futuro do país. Nas palavras de Nagle, 2001, em todo o período da história brasileira não houve uma outra época como até 1930, de intensa discussão, planejamento e execução de reformas da educação pública: “A crença nos poderes da escolarização difundiu-se amplamente no período, o que demonstra pela ocorrência de várias iniciativas e reformas, dos governos Federal e Estaduais, no campo da educação”. No entanto, Nagle destaca que não houve uniformidade destas manifestações no solo brasileiro. Elas ocorreram com mais força e intensidade nas regiões mais evoluídas,

“dos dois brasis”, as desigualdades de condições em determinadas regiões provocaram diferentes níveis de realização (p. 186).

Esta analogia de ‘dois brasis’ utilizado por Nagle permite contrastar, os grandes centros culturais como Salvador e Rio de Janeiro com a situação de abandono e por muitas vezes de miséria e opressão de outras localidades.

De forma similar Correntino, busca contrastar a antiga Corrente, da ‘velha matriz a desmoronar’ sob a ocupação dos cangaceiros, com a Corrente que começa a crescer após a implantação do Instituto Batista Industrial, onde a ‘meninada freqüenta as escolas trazendo consigo vivacidade e euforia’.

Recordamos de Corrente de 1921. Uma praça, da qual partiam quatro ruas. Currais ao lado de algumas casas. A velha igreja matriz começando a desmoronar. [...] Dessa época até 1923 a vila cresceu em paralelo com o desenvolvimento do Instituto. Após terrível hiato da ocupação de cangaceiros, a presença do colégio começou a atrair moradores de cidades vizinhas em busca de educação para seus filhos. E de novo Corrente começou a crescer. Tornamos a rever a cidade de 1930 a 1931. A meninada alegre a freqüentar as escolas trazendo consigo vivacidade e euforia (1980, p. 48, 49).

O paralelo descrito entre o crescimento da Vila com a consolidação do Instituto Batista Industrial, segundo apresenta Constantino, coloca a instituição educativa protestante como o cerne, o centro de todo o desenvolvimento da sociedade. Diante de um futuro incerto de abandono, no início do Século XIX, devido às desigualdades de condições no interior do Nordeste, a presença de uma escola que possibilitasse o sonho da formação acadêmica e moral, fez ressurgir a esperança e um forte elo de ligação e profunda cumplicidade entre os atores envolvidos.

Na perspectiva atual das pesquisas em educação, a escola do interior nas diferentes sociedades como instituição central, passa a ser objeto de estudo dos historiadores da educação e, estes têm sido influenciados pelos avanços de Ciências como a Sociologia e a Antropologia. É importante se considerar que a escola representa uma experiência de socialização e, portanto, de aprendizados os mais variados e que a escola está, exatamente, no centro das grandes transformações culturais da modernidade.

Assim, os aspectos mais investigados, têm sido, à reconstrução dos processos que geraram a progressiva institucionalização da escola, não só como espaço social, mas como espaço nuclear de transmissão do saber e do poder nas diferentes sociedades do Brasil.

Verifica-se que o resgate da história das instituições educativas possibilita um desvelar sobre fatos e acontecimentos que nortearam práticas educativas regionais e nacionais. O ensino religioso e a orientação cristã-educativa de escolas protestantes implantadas por missionários norte-americanos no solo brasileiro deixaram fortes rastros e influências na maneira de ser e pensar das pessoas e gerações envolvidas no processo.

O início de sua ação educativa-missionária deu-se no período de explosão do otimismo brasileiro o que concorreu para a rápida disseminação da crença e da influência educacional. A exigüidade de instituições educativas no interior do Nordeste favoreceu a captação de interesse e total adesão de muitas famílias, não só da Vila de Corrente, como do Estado do Piauí e de Estados vizinhos.

Através do processo de resgate da trajetória da primeira instituição educativa confessional no Estado, pode ser desvelada sua importância para o desenvolvimento sócio-cultural da região, à medida que propõe uma interligação entre o singular (escola) e a História da Educação Brasileira. Os sujeitos sociais revelados como atores participantes do fazer histórico têm suas marcas valorizadas através do estudo das produções historiográficas e passam a possibilitar interpretações sobre o passado mediadas no diálogo contínuo com o presente, suas representações e contradições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1987. 402p.
- CABTREE., A. R. (1937b) **História dos baptistas do Brasil**. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Baptista.
- CARTER, Sue. **Uma síntese histórica**: Instituto batista Correntino – Corrente – Piauí. São Paulo, Gráfica do Colégio batista Brasileiro, 1992.
- GROSSI, Yane de Souza; FERREIRA, Amauri Carlos. **Razão narrativa**: significado e memória. Revista da Associação Brasileira de História Oral, nº 4, junho de 2001.
- GUERRA, Edith Fernandes. **Doces recordações**. Brasília – DF, Edit. São Empreendimentos Evangélicos, 1991.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória colectiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na primeira república**. 2ª ed. São Paulo: Edit. DP&A.A, 2001.
- PARANAGUÁ, Correntino. **Terra de um paladino**. s/edit: 1980.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- POLLACK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, 5 (10). Rio de Janeiro: 1992. Ao caracterizar a relação entre memória e identidade.
- SOUZA, Maria Cecília Cortez Chistiano de. **Escola e memória**. Bragança Paulista: IFAN – CDAPH. Edit. da Universidade São Francisco, 2000.
- THOMPSON, P. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.